

Show de Calouros

As primeiras declarações do mais novo candidato à presidência da República, ditas num ritmo mais adequado a esquentar auditório de fãs ululantes do que a esclarecer a população a respeito de um provável estilo de governo, indicam nuvens pesadas no horizonte. Embalado por pesquisas que o colocam numa situação confortável, o animador de auditório Sílvio Santos diz com franqueza: "Que plano vou adotar, se não tenho nenhum plano?"

Qualquer candidato mambembe, destes que gastam todo dia quinze segundos no horário gratuito, pelo menos simula um plano, uma plataforma, sem o que uma candidatura é inútil. Mas o candidato que desceu de pára-quedas sobre todas as contradições eleitorais brasileiras percorre orgulhoso e inconsciente o caminho inverso. Ao invés de se *apresentar*, como faz todas as semanas no seu programa de auditório, agora se esconde atrás de palavras vazias, desafiando um interminável *nonsense*, como se estivesse brincando com a ingenuidade pública.

Tudo nesta candidatura leva a caminhos contrários ao autêntico jogo político, até mesmo quando afirma que "os partidos não são importantes", da mesma forma que os programas de governo são desnecessários. Se assim é, como poderão os eleitores decidir sua preferência? Ou estará o candidato simulando inocência para servir a interesses não confessados? Talleyrand dizia com ironia que a palavra foi dada ao homem para disfarçar seu pensamento. No caso brasileiro, a palavra em política nasceu para disfarçar a incompetência.

O candidato do PMB (aquele mesmo partido que propôs, quando ainda tinha outro candidato, a eliminação de todos os impostos, e a criação de um único, do tamanho do dedo mindinho) afirma, entre um sorriso e outro, que suas prioridades são o combate à inflação, o aumento dos salários, comida, médico, remédio, habitação e educação para o povo. Com relação à dívida externa, comenta que a negociará pessoalmente. E ponto final. Como se fará tudo isto, não tem a mínima idéia.

Há certas pessoas para quem tudo parece simples, embora seja evidente que o Brasil é um

país complexo, mergulhado em problemas enormes, necessitado de um diagnóstico bem mais profundo do que os *slogans* apresentados na televisão. Sob esse aspecto, o novo candidato do PMB é o mais simplificador de todos. Do alto de seu carisma (já confidenciou a alguém ter medo da própria força), passa a impressão de que concebe o Brasil como uma sociedade primitiva organizada em função do totem e do tabu. Não lhe falta nem mesmo o elemento *irracional* do mito alimentado em tantos anos de programas de auditório — o pano de fundo emotivo no qual se origina e junto ao qual se sustenta.

O animador de auditório não tem programa político e nem sabe como conduzirá a campanha. Vai se comportar como no auditório, *ao vivo*: ao sabor da improvisação. E no entanto nem mesmo o homem não civilizado pode viver num mundo sem um constante esforço para compreendê-lo. Platão dizia que a vontade de poder, quando prevalece sobre os demais impulsos, conduz necessariamente à corrupção e à destruição. É o que está acontecendo nesta campanha eleitoral entregue a candidatos que se dizem apolíticos mas usam os benefícios da política para chegar ao objetivo final.

Alguns acordos, ou negócios, selaram o destino da atual campanha. Pesquisas desconstruídas alimentaram a megalomania do candidato risonho que já começou a falar em vitória no primeiro turno. Há pouco tempo um outro candidato, também estimulado por pesquisas, entusiasmou-se antes do tempo. Tudo se passa como se a eleição fosse um concurso de auditório cujo prêmio é entregue a quem pronunciar mais depressa alguma palavra-chave.

Todas estas coisas, no entanto, são vergonhosas, destinadas unicamente a mascarar o vazio das propostas eleitorais. Na vida política é cada vez mais difícil traçar uma linha divisória entre a virtude e o vício. Ambas mudam de lugar com frequência. É por isto que num governo certas ações que parecem virtuosas acabam por se converter em ações prejudiciais, enquanto outras consideradas viciosas resultam benéficas. Em política tudo muda de lugar: o limpo é sujo e o sujo é limpo.